



Janeiro, Fevereiro e Março de 2003

O NEVEIRO

Boletim Informativo do Rancho Folclórico Neveiros do Coentral

Nº 13– V Série – Janeiro, Fevereiro e Março de 2003

TENHA

MEDO

TENHA MUITO

MEDO

ESTA É A EDIÇÃO

Nº 13

Feita de Superstições, de Sextas-feiras, de Sorte e de Azar...

Mas também de entrevistas, de origens de nomes, de (des)conversas, de inquéritos e o mais que vai ler, se não tiver medo, claro.

Se tiver, ...azar o seu...

É verdade, quase nos esquecíamos de agradecer a vossa colaboração... mesmo tendo sido involuntária



Ficha Técnica — *O Neveiro*

Este Jornaleco é “propriedade” do:

Rancho Folclórico Neveiros do Coentral

Sede:

CIRUC – Centro de Instrução e Recreio União Coentralense
Freguesia do Coentral – Coentral Grande
3280-201 Coentral

Delegação em Lisboa e morada para a correspondência:

Casa do Concelho de Castanheira de Pera
Rua Alves Torgo nº37
Telefone e Fax : 218 461 864
1000-032 Lisboa

Conselho de Gerência:

Emílio Miranda; Helder Machado Barata;
Jorge Humberto Almeida; Manuela Machado
Fernandes; Paulo Miranda

Directores-Gerais:

Almeida, Jorge Humberto; Barata, Helder
Machado; Fernandes, Manuela Machado;
Miranda, Emílio; Miranda, Paulo

Directores-Editoriais:

E.Miranda; H.M.Barata
J.H.Almeida; M.M.Fernandes; P.Miranda

Chefes de Redacção:

A., Jorge Humberto; B., Helder Machado;
F., Manuela Machado; M., Emílio; M., Paulo

Paginação e Revisão:

Almeida Humberto Jorge; Barata Machado
Helder; Fernandes Machado Manuela; Miranda
Emílio; Miranda Paulo

Assinaturas, Publicidade e Distribuição:

Eiranda Mílio; Harata Melder Bachado;
Jalmeida Horge Aumberto; Mernandes Manuela
Fachado; Piranda Maulo

Colaboradores:

Jorge Bento; Mónica Monteiro; Olga Bento
Almeida; Susana Barata Henriques

Sugestões, críticas ou artigos que gostaria de ver publicados,
também pode fazê-lo para os seguintes endereços:

emilio.miranda@mail.telepac.pt; macshade@clix.pt
jobealmeida@ono.com; paulo.miranda@solvay.com

www.oneveiro.web.pt

Nota da Redacção: Todas as opiniões
expressas nos artigos publicados em
“*O Neveiro*”, são da exclusiva
responsabilidade dos seus autores.

LAGARTO,

Pois é. Nós já sabíamos que mais dia,
menos dia, isto teria de acontecer. E
aconteceu o que mais tínhamos.

Bem tentámos adiar este problema, mas
não há volta a dar-lhe. Chegámos à edição
nº 13 da V Série de “*O Neveiro*”.

Agora, ou saltamos directamente para o nº
14 (como fazem algumas companhias de
aviação onde não existe a fila 13 nos seus
aviões), ou temos mesmo de enfrentar a
maldição associada a este número.

Mas afinal que mais nos pode acontecer? Já
andamos há 5 anos a editar este Pasquim (o
que se não é um recorde, deve andar lá
perto). Estamos fartos de puxar pela
cabeça para encher as páginas que,
teimosamente, antes de entrarem na
fotocopiadora estão sempre em branco.

Continuamos embirrantemente a moer-vos a
cabeça para que nos escrevam e, ainda por
cima, não conseguimos vislumbrar nenhuma
alteração neste estado de coisas.

Cruzes, canhoto estarão vocês a pensar,
será assim tão mau? Bem eu não me chamo
Cruz (e ainda bem, atendendo à situação
por que alguns dos possuidores deste nome
estão a passar) mas sou canhoto e digo-vos
que estamos mesmo com medo do que
possa ocorrer com esta edição.

É que o **número 13** é conotado com o
azar, mesmo para aqueles que, como eu,
não ligam a superstições. E se fôr uma
sexta-feira 13, o melhor é nem sair de
casa e colocar uns **amuletos** contra os
maus-olhados. Bom, e se estiver **lua-
cheia** o melhor é nem pensar no que possa
acontecer.

(continua na página seguinte)



LAGARTO, LAGARTO!!!

Dizem os mais antigos que esta crença está relacionada com a **última ceia de Cristo**. Se bem se lembram eram **13** os convivas, e foi a última ceia. Sim porque Jesus Cristo morreu logo de seguida. E em que dia? Numa **sexta-feira**. Pois nem mais, já estão a ver de onde virá a superstição ligada a este dia.

Superstição, no dicionário, quer dizer "desvio do sentimento religioso que consiste em atribuir a certas práticas uma espécie de poder mágico, ou pelo menos uma eficácia sem razão; crença, essencialmente crença religiosa, sem fundamento; credence; por extensão, importância ou confiança excessiva e quase religiosa atribuída a certas coisas." (do latim *superstitione*, «resto de velhas crenças»).

Mas, mesmo aqueles que não acreditam nestas coisas, como é, decerto, o seu caso, já alguma vez **bateram 3 vezes na madeira** ou entraram com o **pé direito** nalgum lado (e para os que, como eu, são canhotos sabe-se lá qual é o pé indicado). Tudo isto para afastar os maus espíritos. "**E que o diabo seja cego, surdo e mudo**".

Quando alguém espirra você diz "**Santinho**"? E sabe porquê? É que, de acordo com uma crença antiga, ao espirrar estamos a expulsar **espíritos malignos** de dentro de nós. E é precisamente para evitar que esses demónios entrassem nas outras pessoas que estavam na mesma sala que se usa essa expressão.

Afinal, acreditamos ou não nestas coisas? Porque é que achamos que **partir um espelho** dá sete anos de azar (a menos que se tenha 97 anos, pois quem tiver tão provecta idade prefere viver mais sete anos mesmo que seja com azar).

E quando vê uma **escada**, passa por baixo dela? Ou quando um **gato preto** se lhe atravessa à frente, lembra-se de quê? E porque é que não **abre um chapéu de chuva** dentro de casa, mesmo que seja só para ver se não está roto? Pois, não acredita mas tem medo dos maus agoiros. Tal como dizia o outro: "Eu não acredito em **bruxas** mas que elas existem, existem."

Só vos digo que, pelo sim, pelo não, como esta edição é a número 13 o melhor é não lerem "**O Neveiro**". Vão para casa com muito cuidado e coloquem-no directamente na prateleira bem escondido ou então o mais aconselhável é destruírem-no logo que possam. Talvez o melhor, para evitar qualquer tipo de problemas, é não o aceitarem quando algum de nós vos tentar impingir-lo. Quem vos avisa vosso amigo é.

Helder Machado Barata

*PS: Se calhar, a nossa maldição é ficar **13** anos a publicar o jornal. O lado bom disto é que já só faltam oito anos. O lado mau é que, se assim fôr, vão ter de nos aturar até lá. E, já agora, façam por aceitar o jornal com a **mão direita**. É que nunca se sabe o que pode acontecer e com um pouco de **azar** ainda são vocês os escolhidos para serem os próximos editores de "**O Neveiro**".*

*- "**Lagarto, lagarto, lagarto**" exclamam vocês enquanto batem 3 vezes na madeira!!!*



AS ORIGENS DOS NOMES

Dentro do espírito de inovação que sempre pretendemos imprimir a *“O Neveiro”* inauguramos nesta edição mais uma coluna com um tema que será, certamente, do vosso interesse.

Neste cantinho, iremos apresentar, nas próximas edições do Neveiro, toda a história sobre os nomes das nossas Famílias.

Esta informação (com excepção do último ponto) foi recolhida a partir do site de internet:

Como não podia deixar de ser, até porque a autora é um dos membros deste vasto clã, o primeiro destaque vai para a origem do nome:



BARATA

HISTÓRIA: Apelido que foi, possivelmente tomado de uma profissão: o comerciante, o negociador. Em Portugal, *barata*, era um antigo título de dívida, contrato, permuta. Em Itália, "baratta", do verbo "barattare", significa cambiar, comprar e revender.

Dizem alguns genealogistas que esta família provém de França, onde aquele apelido é muito antigo, preferindo outros autores dar-lhe por origem o reino de Aragão.

As semelhanças que se verificam entre as Baratte de Canteloup, de França, parecem hipótese.

Quanto à antiguidade dos primeiros em documentos, indivíduos a usar aquele

A versão "aragonesa" - conforme uma de Arganil - de que os Baratas Portugueses contradiz a anterior já que Aragão era um junto aos Pirinéus.

Em França, documentou-se no séc. XII, c.1150, Pierre Barate Nomenque 1183 e em foi testemunha um B. Barate.

Em Itália, o apelido difundiu-se por todo o norte sob a forma Baratta como está documentado em Génova em 1150.

Em Portugal, documentou-se, nas inquirições do Rei Afonso III, de 1236, um Pedro Barata, proprietário do Casal de Folgasela de Cima, na Comarca de Viseu. Entretanto, a genealogia desta família, traçada com segurança e bem documentada, tanto em Portugal como no Brasil, procede de Leonor Esteves Barata, oriunda da Sertã, na Beira Baixa, e instituidora de uma Capela para seus descendentes, que se estima ter nascido por volta de 1465. Deixou numerosa descendência do seu casamento com Álvaro Afonso Lameira (Manso Lima, Tít. Barata).

No Brasil, particularmente na Baía, registam-se três ramos: os Barata de Almeida, os Amado Coutinho Barata (procedentes de Manuel Coelho Amado Coutinho Barata), casado c.1785, com Joaquina de Sant'ana do Sacramento, e os Gonçalves Barata, que procedem de Júlio



armas dos Baratas Portugueses e as dos dar maior verosimilhança à primeira

Portugal, a verdade é que já nos surgem nome na primeira metade do séc. XIII.

Memória conservada por José de Mello, seriam oriundos do Reino de Aragão não reino ibérico, na fronteira com França,

Poncius Barate, nascido em Montpellier, 1279, no testamento do barão de Rozet,



César de Vasconcelos Barata, casado, c.1852, com Ana Joaquina Gonçalves.

Em Mato Grosso, regista-se a família do capitão Paulo Luis Barata Tomar c.1756, que deixou numerosa descendência do seu casamento, c.1800 com Maria Francisca da Conceição.

Em Pernambuco, procede de Manuel Nascimento Barata c.1755, casado com Filipa Josefa de Jesus. Desta união descendem os Hilarião Barata, do Recife, que passaram ao Rio de Janeiro, por volta de 1810. Ainda, em Pernambuco, regista-se também José Carlos Barata Sobreira, natural do Recife, familiar do Santo Ofício.

No Rio de Janeiro, entre outros, registam-se pelos menos quatro ramos: os Henriques Barata, procedentes de João Henriques Barata, casado no Brasil, c.1741, com Rosa Maria de Valadares, estabelecidos em Tinguá, os Fernandes Barata, procedentes de Manuel Fernandes Barata, que passou ao Rio de Janeiro, antes de 1773, casado com Maria Ignácia do Nascimento, os descendentes de Sebastião José Barata, que passou ao Rio de Janeiro, onde casou, em 1791, com sua prima Ana Maria de Jesus e os Hilarião Barata, vindos de Pernambuco, que descendem de Felix José Hilarião Barata c. 1780, casado em 1815, no Rio de Janeiro, com Bonifácia Rosa de Jesus (Macedo).

No Rio Grande do Sul, o ramo Sarmento Barata, procedente de Sebastião Teixeira de Sá Sarmento, natural de Portugal, deixou numerosa descendência do seu casamento, c.1844, com Júlia Mafalda da Costa Barata. (Segundo a tradição corrente, este ramo é aparentado com o Marques de Pombal).

Em Portugal, receberam Brasão de Armas vários elementos desta família: João Barata da Guerra Costa da Cunha (19.11.1782), João Macedo Pereira Coutinho Barata da Guerra (16.6.1784), Manuel José da Fonseca Barata (18.2.1787), Manuel Dias Barata de Carvalho (21.06.1802) e Francisco José Rodrigues Barata Freire.

ARMAS: De negro, três mãos direitas



de ouro, espalmadas.

Timbre: uma das mãos do escudo.

A FAMÍLIA BARATA N'OS NEVEIROS:

Américo Diniz **Barata** (Desde 1964)
Ana Catarina Fernandes **Barata** (Desde 1988)
Ana Cristina Simões **Barata** (Desde 1980)
Ana Maria da Silva Fernandes **Barata** (Desde 1990)
Andreia **Barata** Mateus Santos Simões (Desde 1992)
António José Henriques **Barata** (Desde 1979)
Armando **Barata** (Desde 1964)
Diogo **Barata** Mateus Santos Simões (Desde 1988)
Francisco Miguel **Barata** (Desde 1964)
Gustavo **Barata** (Desde 1964)
Helder Manuel Machado Alves **Barata** (Desde 1985)
Isabel Maria Clara **Barata** (Desde 1980)
Jorge Diamantino **Barata** (Desde 1979)
José **Barata** Alves (Desde 1964)

Leonor Maria Cardigos Alves **Barata** (Desde 1979)
Manuel Henriques **Barata** (Desde 1964)
Maria da Graça **Barata** Serrano (Desde 1990)
Maria Fernanda Rosa da Silva Simões **Barata** (Desde 1964)
Maria Herlander Machado Alves **Barata** (Desde....)
Maria Palmira **Barata** Mateus Simões (Desde 1979)
Paulo Jorge Simões **Barata** (Desde 1980)
Ricardo João Jesus Serra Henriques **Barata** (Desde 1992)
Silvina Clara Pereira Cardigos **Barata** (Desde 1965)
Susana Isabel Simões **Barata** Henriques (Desde 1980)

Susana Barata Henriques





superstições



Quem é que, nas alturas menos boas da sua vida, não se agarrou a uma superstição? Nem que sejam as prosaicas 3 batidinhas na madeira, quando o assunto é capaz de causar arrepios. Fé para uns, disparate para outros, a verdade é que a superstição ainda continua com o seu misterioso poder, em pleno 3º milénio.

A sua origem parece residir no medo do desconhecido, na crença no fantástico, na busca ansiosa pelo mágico e divino.

Etimologicamente, a palavra Superstição vem do latim “superstes”, que inclui vários significados, de entre os quais o de sobreviver.

Se a maioria dos cidadãos das sociedades modernas não se considera por princípio supersticiosa, a verdade é que acaba por obedecer, ainda que inconscientemente, a temores irracionais e atitudes ancestrais, muitos deles transmitidos de geração em geração. Deste modo, a origem das praticas supersticiosas, destinadas a propiciar a felicidade, o amor, a saúde e a riqueza, ou a evitar os seus reveses, perde-se no tempo, embora continuem a fazer parte integrante da cultura de massas da modernidade, que viu também proliferar fetichismos vários e hábitos irracionais.

Mas afinal o que são as superstições? Superstição é quando uma pessoa atribui a certos factos, animais ou objectos, poderes maleficios ou benéficos. É uma crença tradicional de que certa acção ou ocorrência pode predizer ou causar um acontecimento, mas não tem explicação lógica.

A aparente relação entre um determinado objecto e uma dada circunstancia, cria uma analogia com a sorte ou azar naquele momento. Do ponto de vista psíquico, temos a relação de sincronicidade aí revelada, mas de facto, em nada podemos concluir que tal objecto trouxe boas ou más influencias.

O Homem é um ser desamparado e precisa de se apegar a conceitos mágicos para de certa forma se sentir protegido. Raras são as pessoas que não alimentam uma ou mais superstições: passar por baixo de uma escada, ver um gato preto, 13 pessoas sentadas a uma mesa e não cruzar os talheres, são algumas práticas que influenciam diariamente a nossa vida. Mesmo que não admitidos, os comportamentos supersticiosos são tão comuns e inconscientes, que ninguém está imune a eles.

Inconscientemente, a duvida em relação ao futuro, mobiliza a mente humana para a auto-preservação, para a sobrevivência. A superstição alcança qualquer pessoa, desde que esta sinta ameaça de forças que estejam fora do seu alcance. O Homem tem necessidade de sentir-se em equilíbrio com a natureza e a sociedade: quando não há equilíbrio, desencadeiam-se sentimentos de angustia e tensão psicológica. A superstição traz uma explicação para o conflito ou até uma forma para aliviá-lo. O famoso orador grego Demóstenes afirma que “estamos sempre inclinados a acreditar naquilo que desejamos”.

Vejamos os Mistérios do 13
(continua na página seguinte)



Porque é que o n.º 13 é tão temido? Dizem que esta história começou quando Jesus reuniu os seus Apóstolos para a última ceia. Judas era exactamente o 13º Apóstolo... foi ele quem traiu Jesus! Alguns hotéis na Europa excluem o n.º 13 dos seus quartos e em vez dele usam o 12-A. E a famosa sexta-feira 13?

Mas se há pessoas que têm pavor do n.º. 13, outras há que fazem dele um amuleto para atrair sorte. Quem entende o ser humano? Continuar a ler ou não “O Neveiro” n.º 13... é uma opção sua...!

É difícil escapar das superstições. Afinal, com o azar não se brinca!

Algumas inofensivas superstições são uma prova de que a mente humana é uma máquina lógica imperfeita. A capacidade de entender as relações entre causa e efeito surgiu apenas com o uso da linguagem como uma ferramenta de representação simbólica do mundo. Assim sendo, a nossa mente é constantemente vítima de enganos, levando-nos a acreditar em coisa que o método científico facilmente comprova como sendo falsas.

Uma das armadilhas mais comuns em que a mente humana cai, é chamada de efeito “propter hoc” que significa que “se algo acontece depois disso, então é devido a isso”. É como se fosse uma relação causa-efeito, que parece existir devido à proximidade temporal entre dois eventos, mas que na realidade, não têm conexão entre si.

O método científico é simples: através da experimentação, tenta-se repetir muitas vezes o evento que se supõe ser a causa e observa-se quantas vezes ocorre o que se supõe ser o efeito, tentando manter constantes todos os factores exteriores que podem interferir nessa relação.

Tomemos como exemplo a nossa festa, de origem religiosa – o Bodo – celebração de 20 de Janeiro. Para testar a validade do pão e louro benzidos pelo padre, seguiríamos um procedimento semelhante. Observaríamos ao longo de 2003 dois grupos de Coentralenses: um grupo seria constituído por várias famílias que guardavam o pão e o louro, o outro grupo não liga a essas coisas. Analisaríamos no final do ano as diferenças entre esses dois grupos. Alguém tem dúvidas sobre o resultado que iria dar?

Como disse o grande cientista Carl Sagan “o método científico é a única luz capaz de nos guiar através da escuridão da ignorância”. Também o filósofo Voltaire nos diz que “a superstição deixa o mundo inteiro em chamas, mas o pensamento consegue apagar o incêndio”.

No entanto, acreditar em superstições, por mais inofensivo que possa parecer, pode às vezes fazer vítimas: muitas pessoas deixam-se escravizar pelas suas superstições. Há que ter cuidado para não se tornar uma coisa obsessiva, fazendo com que o indivíduo chegue a precisar de terapia para se libertar desses mitos.

A superstição leva a práticas que estão longe da razão e cujo carácter claramente defensivo se baseia em sentimentos de medo. Medo que o negócio não se concretize, medo que algo aconteça porque abotoou a camisa ao contrário, medo, medo, medo... Deixe-se disso e encare a vida de frente! De agora em diante, quando for para o emprego, para um entrevista ou reunião, faça tudo ao contrário do que está habituado. Se um gato preto lhe aparecer á frente, sorria, não preste atenção. Experimente passar por baixo da escada de ferro que estava à saída do seu prédio... o dia vai correr bem de certeza. No final do almoço cruzou os talheres? Não é por isso que vai deixar de pagar a conta. O facto de algo nos correr mal, não tem nada a ver com o espelho partido ou com o gato preto. Eu não sou supersticiosa!!!! Dá Azar...

Mónica Machado Fernandes Monteiro



Entrevista com:



Desta vez recorremos à prata da casa para fazer a nossa entrevista. E pela primeira vez temos uma entrevista não de “neta-avô” mas de “filho-pai”. Pois é, como o entrevistado não tem nenhuma neta, desta vez foi o filho que teve de se chegar à frente. E continuamos à espera de respostas aos nossos insistentes convites para mais entrevistas. Quanto À entrevista deste número, nós sabemos que não nos fica nada bem gabar os nossos colaboradores mas o resultado está à vista de todos. Paulo, podes continuar:

Paulo - Começando pelo fim, como é que o pai vê neste momento o Rancho e como se sente nele? Tem algum comentário em geral, ou específico à área em que está inserido, os cantores?

-Eu vejo-o com apreensão, face ao abandono de alguns elementos. Saudades também estão sempre presentes em mim, por aqueles que deixaram o nosso convívio, nomeadamente aqueles que bastante davam ao Rancho e felizes se sentiam por fazer parte dele. Sempre apreciei aqueles que não se sentindo “superiores” fomentavam assim o verdadeiro espírito do Rancho.

Relativamente ao sector em que estou inserido, acho que estou acompanhado por pessoas também empenhadas como eu e, como tal, sinto-me bem. Uma lacuna, quanto a mim, é a inexistência de um grupo coral composto pelos elementos que integram o Rancho e que complementaria as nossas actuações, divulgando assim aquelas “modas” que, não fazendo parte do nosso repertório, são tão validas, tão lindas como as outras.

Paulo - O que sente quando vê toda esta gente nova que actualmente dança nos ensaios e actuações, incluindo um neto seu, que já começa a dar os primeiros passos nos ensaios?

-Sinto alguma esperança e espero que ela se consolide. Quanto ao meu neto, ao vê-lo com o jeito que tem, só espero que o irmão o acompanhe. Seria para mim motivo de regozijo e seria com emoção que os veria a dançar ou a cantar.

Paulo - Existe alguma coisa que o pai nunca tenha feito no Rancho e que gostasse de fazer? (dançar uma dança, tocar um instrumento, fazer a letra para uma dança – o pai tem jeito para a poesia-, conseguir ser tesoureiro numa Direcção,...)

-Já dancei, como sabes, quando entrei para o Rancho; ora dançava ora cantava. O “Amor ao Passeio” era aquela que mais gostava de dançar e ajeitava-me bem. O “Fado Mandado” era o oposto, era a que gostava menos, talvez porque vacilava com frequência aquando da “cadeia”. Dançava ainda o “Marcadinho”, “Vira do Coentral Pequeno”, “Fado Corrido”, “Fungagá”, “Rosinha” e “Fojo”. Quanto a tocar, até hoje ainda não calhou, tocava qualquer coisa no banjo à uns anos atrás, não me esqueci é claro mas, quando se pára, “volta-se” ao principio. Sobre o fazer poesia, dá-me muito prazer quando a sinto e passo ao papel, só que a concebo num âmbito muito íntimo. Versejar também aprecio e quando calha...

Paulo - Penso que cantar é algo que lhe dá prazer; Tem uma ou mais músicas preferidas? Quais são elas? Alguma razão especial para isso? É a letra ou a música ou o conjunto?!

-Dá-me bastante prazer cantar. Músicas preferidas?! “Rica Prima” é uma das minhas preferidas, infelizmente tem sido marginalizada, não sei porquê!

Gosto ainda da “Dança da Lomba”, “Dança da Eira”, da “Rosinha”, “Fado Mandado”, e aprecio as restantes. Porquê? ... é o conjunto das melodias e dos versos.

(continua na página seguinte)



ANTERO MIRANDA

Paulo - Para além de cantar, veste também a pele do Padre Tomás, que é uma personalidade ainda hoje carismática do Coentral; Que acha da questão de se benzer ou não durante os desfiles do traje? Podia fazer uma biografia sintética do personagem, nomeadamente aqueles aspectos menos católicos (banho no Poio no Inverno), e enviar-nos para publicação no Neveiro...

-Sobre o padre Tomás, acho que é uma forma de homenagear uma figura com carisma, sem dúvida; Não que tivesse um dom de líder no âmbito da sua função religiosa, mas tinha-o na simplicidade com que vivia, exercia o sacerdócio, e no convívio com a comunidade que o rodeava. Dotado de sensibilidade musical e executante de alguns instrumentos, norteava a sua maneira de estar na vida por um culto de amante da natureza, tornando-se por isso por muitos apreciado, controverso para outros, que o achavam com o seu quê de excêntrico, não no sentido pejorativo, mas ainda assim...

Paulo - Tal como para nós dançarinos, o pai também deve ter as suas dificuldades como cantor. O que é mais fácil para si e, pelo contrário, o que é mais difícil? Também se sente nervoso antes das actuações? Já lhe aconteceu enganar-se e dar barraca?

-Claro que não serão propriamente dificuldades, mas há uma ou outra letra, ou melhor alguma quadra ou outra que, pela sua métrica, obriga a um alongamento de uma ou outra sílaba, ou elevar um tom na voz afim de se encaixar na música. Estou-me a lembrar, por exemplo, do primeiro verso do “Fungagá”, de um grave quase sumido na primeira sílaba... tem de se lhe dar a volta! A “Dança do Chapéu” também não é das mais fáceis de articular o verso com a melodia, por sinal bem bonita. Nas

restantes não há dificuldades de realce, para mim, claro! Nervoso? às vezes, com algumas “secas” que apanhamos, quando começo a cantar a voz parece estar tão seca quanto eu; depois a onda de acerto aparece e tudo passa. Já me aconteceu enganar-me, pois então, sem dar barraca que se diga, mas uma outra fífia já me tem acontecido e desmancho-me a rir, às vezes também de mim, e isso até ajuda.

Paulo - De todos estes anos nos Neveiros, diga-me 1 ou 2 momentos que considere os melhores e, por contraponto, também 1 ou 2 momentos que o pai considere os piores.

-Momentos piores?! O primeiro foi precisamente na primeira actuação, na Escola Comercial Ferreira Borges, a 10 de Janeiro de 1965; uma outra a 28 de Setembro de 1985 no Rio de Janeiro, após termos ido visitar o Maracanã. Ao jantar e homenageando o presidente do Vasco da Gama, quando estávamos prestes a começar a nossa actuação, dei comigo com uma rouquidão rara. Tentei beber um café, mas não havia. Aí entrei em pânico e, à falta de melhor, lá no bar da casa do Minho, bebi um bagaço que deixou alguns dos que assistiam admirados de me ver naquela situação. Outras situações houveram que foram más, mas os melhores momentos compensam amplamente. Aquela celebre actuação na Aldeia de Ana de Avis em Agosto de 1990, aquela actuação para reclusos na penitenciária em Maio de 1965, aquela no estádio da FNAT em Julho de 65, em que actuando com os Barqueiros do Vouga e os Pauliteiros de Miranda, fomos o rancho mais considerado, mais ovacionado e simbolicamente o melhor dessa noite. Também aquela actuação na Casa da Praia Grande, em Setembro de 1985, foi contagiosa para nós e para os que nos rodeavam à despedida e que à nossa volta cantaram a “Dança da Lomba”: nunca esqueci!



***Entrevista com:* ANTERO MIRANDA**

Outras mais ocasiões poderia recordar, mas isso dava para um Neveiro na íntegra!

Paulo - O pai é dos poucos casos de sucesso de polivalência dentro dos Neveiros. Sei que entrou para o Rancho como bailador; Como passou para cantor? Ao longo de todo este tempo nunca teve saudades e vontade de dar um pézinho de dança? (não tenho ideia de o ver dançar, mesmo nos ensaios, só por piada,...)

-Entrei como bailador mas também cantava no “Fado Mandado” e mais numa ou noutra. Também a Olga cantava comigo e dançava outras danças. Estreei-me a cantar com ela, no terraço do Diário de Notícias, em 29 de Maio de 65.

Saudades de quando dançava? Só pelo tempo de então e alguns episódios curiosos. Mas não há dúvida que o cantar me deu e dá maior prazer, embora recorde que quando me sugeriram para passar só a cantar pensei que ia deixar com pena algo de que gostava, mas reconheço que foi benéfico para o Rancho e para mim.

Paulo - Terminando no princípio, como foi a entrada do pai para o Rancho? Quem o convidou e quando? O que o levou a entrar nesta aventura? O que viu no rancho? Eram as amizades com as outras pessoas à época membros do rancho, e a possibilidade de aumentar assim o convívio? Era a técnica que o atraía?

-Como entrei?! Não sei precisar quem me falou primeiro.

Dias depois, cruzei-me no Martim Moniz com o Dr. Herlander que disse que contava comigo também para o Rancho. Quanto à motivação, o ser do Rancho do Coentral era acima de tudo a razão mais válida, o partilhar o convívio com outros amigos e, sem desprimor por quem quer que seja, estava lá o Américo e isso pesava muito, mas não só ele. Era o convívio sem dúvida e o nome do

Coentral, a saudade de ouvir e conviver com aquelas músicas de que eu gostava, pese embora o complexo de as não saber dançar.

Paulo - Ajude-nos a imaginar o Rancho nessa altura: onde ensaiavam, quando, e quem era o ensaiador? Como era o ambiente? Quais as maiores diferenças face à actualidade?

-Ensaivamos na Casa da Comarca de Figueiró, ao domingo à tarde (não em todos os domingos) num ambiente agradável e de maior carolice. O Dr. Herlander contagiava-nos com o seu entusiasmo, congregava as pessoas com o seu exemplo de bairrismo,..., tinha, não direi o respeito, mas a admiração de todos pelo seu empenho demonstrado em enaltecer e defender o Coentral. As maiores diferenças face à actualidade? O ambiente nos ensaios era diferente, mais empenho de todos, aceitava-se melhor a orientação do ensaiador, não que quem ensaia hoje mereça menos empenho ou menos respeito ou lá o que lhe queiram chamar, só que às vezes, muitas vezes, é difícil coordenar o que se pretende fazer com o que se faz, ou vice-versa; não que seja contra a vivacidade, bem pelo contrario: gera até às vezes situações que nos acabam por predispor para um ensaio proveitoso.

Só que, quando é demais, desperdiça-se muito tempo e embora eu não seja pela veteranice, recordo o ambiente dos ensaios em anos mais recuados.

Paulo Miranda

Nota da Redacção: E pronto, como vêem não custa nada fazer uma entrevista, e sabe sempre bem ler e recordar (ou descobrir) histórias e vivências de quem dedicou boa parte da sua vida ao Rancho e aos seus ideais. E vocês, de que é que estão à espera para fazerem uma entrevista aos vossos pais ou avós??? Partilhem com todos nós as histórias que os mais veteranos viveram no Rancho. Não sejam egoístas, nós também temos interesse em saber.



À (DES) CONVERSA COM O HELDER

Há tempos que não retive, sentei-me à mesa no CIRUC, bebendo um café.

De olhos postos na serra que lhe fica fronteira, contemplava todo o horizonte que a minha visão abrangia.

Então, dei comigo cogitando, de como teria sido o princípio da humanidade e como será a vida e o mundo, por exemplo, daqui a 100 anos ou seja, no fim do século.

Entretanto, a sala-bar do CIRUC ia-se compondo com gente, a espaços, sempre a entrar, quando surge o Helder que convidei a sentar-se junto de mim. Depois das saudações da praxe, teci algumas considerações inerentes ao que estava pensando, e perguntei-lhe:

Oh Helder, achas que o **Adão** gostava da **Eva**?

- E o **Adão** tinha escolha? Retorquiu ele...

Bom, engoli em sêco... mas continuei.

Oh Helder, daqui a 100 anos fará sentido os conceitos de campo e cidade ou isto será já tudo junto? Chegaremos a Marte? Que achas?

- Lá isso não sei, mas prevejo é que teremos uma estação de Metro no Vidoiro...

E, qual puto reguila, punha a pala do boné à banda... fiquei a olhar p'ra ele de boca aberta...

Neste momento, entrava a Fernanda Claro, tendo eu comentado, seriamente, que o tipo de vestuário habitualmente usado por ela, a favorecia e ficava-lhe bem!

- Ainda a hei-de ver de mini-saia, ripostou o Helder ao mesmo tempo que punha a pala do boné p'ra trás...

Eu a tentar falar à "séria" e o meu interlocutor de ocasião, nem sequer olhava p'ra mim, o que me ia deixando algo "desmoralizado"... mas insisti.

Oh Helder, Portugal como Estado-Nação deixará de existir, não achas?

- Quem deixará de ser uma "Nação" é o Porto, carago! Passará a ser o Benfica quando puserem ali o Jeremias (*tinha acabado de entrar*) em Presidente e o Vilarinho à porta da "Luz" a vender camisolas, cachecóis e bonés...

Irra, estava a ser demais... O Helder não me levava a sério uma única vez...

O Alberto e o Quim, cada qual de copo na mão, cavaqueavam amenamente, e resolvi "entrar no jogo".

Oh Helder, ali o Alberto e o Quim é que são dois benfiquistas dos "quatro costados", não são?

- Cá p'ra mim, ainda os hei-de ver, quais "Marretas" juntos, lado a lado, de cachecol e boné d'os Leões no meio da Juve-Leo.

Desta vez, sinceramente, deu-me vontade de rir, imaginando a "fotografia".

Resolvi, entretanto, pedir mais uma bebida, eis senão quando deparo com o Helder e seu boné, desta vez, a tapar-lhe a cara por completo, e perguntei-lhe:

Oh Helder, p'ra que é isso?

- Não vês que vem aí o Zé Manel sentar-se ao pé de nós? Protege-te, também, que ele vai cuspir-nos p'rá cara...

Isto era, na verdade, irreverência a mais...

Contudo, após alguns momentos de pausa e, não obstante já estarmos há mais de 1 hora naquela amena, interessante (???) e divertida (des) conversa, ainda ousei abordar mais um tema, e assim:

Oh Helder, daqui a 100 anos tenho a ideia que a língua dominante será o esperanto.

- Cá para mim é o mandarim, disse-me ele...

- Porra, Helder, é demais, não sejas assim!

- Sejo, sejo, respondeu-me ele.

Levantei e... fui tomar ar. Sem dúvida, fui o Elo mais fraco. ADEUS.

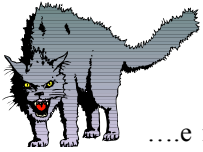
Lisboa,

2002-12-03

(Esta conversa até poderia ter sido verdadeira, mas foi pura ficção)

Jorge Bento





SUPERSTICIOSO...EU???

...e não iríamos com certeza publicar um **“O NEVEIRO”** nº13 sem estudar primeiro, atentamente, o comportamento dos Neveiros perante um assunto tão importante como a SUPERSTIÇÃO. Isso foi feito através de um pequeno inquérito com 12 perguntas, que aqui transcrevemos, junto de uma amostra de 36 eleitos. Aí vão pois os resultados!

1- É supersticioso? Porquê? (por educação, porque já lhe aconteceram coisas estranhas, outro motivo).

Dos 36 inquiridos, 22 dizem não ser supersticiosos, 6 consideram-se mais ou menos e apenas 8 se assumem como tal. As mulheres são claramente mais supersticiosas que os homens: 50% dizem não ser supersticiosos contra 70% dos homens; 30% consideram-se supersticiosas, contra apenas 10% dos homens.

Conclui-se também que a superstição se perde com a idade pois, a partir dos 30 anos só temos um supersticioso confesso e 3 meias-tintas; todos os outros inquiridos dizem que não são supersticiosos. Quanto às razões para o serem, as pessoas apontam diversas, tais como a educação tida, o receio de falhar, já ter passado por coisas bué estranhas, os ditados que se escutam, o respeitinho e até o já velho “porque sim”.

2- Numa sexta-feira 13 só sai de casa porque tem de ser, ou faz tudo normalmente?

As sextas-feiras, dia 13, não representam muito para as pessoas, que afirmam fazer a “sua vidinha normal” nestes dias.

É verdade que alguns recorrem a “bengalas de apoio” como pensar que o 13 de Maio corresponde a uma importante celebração católica, achar que é um dia de sorte, lembrar que voaram pela 1ª vez numa 6ªf 13, achar que destas datas só têm memória de bons acontecimentos, blá, blá, blá,...

3- Quando vai a alguma entrevista, ou a qualquer coisa importante para si, tenta entrar com o pé direito ou nem se lembra disso?

Essa coisa de entrar com o pé direito também não é algo que diga muito ao Neveiro comum, pois só 17% afirmam ter regularmente esse cuidado; As mulheres entram mais com o pé direito que os homens (19% contra 15%) e, a partir dos trinta, só 2 pessoas têm esta fé.

4- Quando vê uma escada tenta evitar passar por baixo, ou nem se importa com isso?

Evitar passar sob escadas colhe um pouco mais, junto da nossa população! Assim, 28% assumem-no e outros 17% dão-no a entender. Também há quem não ligue: 63% das mulheres e 50% dos homens. É um dos poucos casos em que os homens são mais supersticiosos que as mulheres.

5- Bate três vezes na madeira para afastar o mau-olhado?

Bater na madeira é uma prática algo fora de moda no rancho e quase só para a malta até aos 30 anos. Ainda assim, há 22% que o fazem, sendo claramente vencedoras as mulheres (38% contra 10% dos homens).

6- E quando vai a um jantar e repara que são treze pessoas à mesa, vai-se embora?

O prazer de uma boa refeição é certamente uma característica dos Neveiros porque só 17% dos inquiridos dizem que se recusariam a sentar numa mesa com 13 convivas. E os homens são bem mais sensíveis que as mulheres aos prazeres da mesa: só 10% se vão embora, contra 25% das mulheres.

7- Quando parte um espelho fica com medo de ter 7 anos de azar?

Esta é daquelas a que a nossa população é praticamente imune: 94% não acreditam nisso e há apenas 6% que admitem que talvez...

Pela 1ª vez mulheres e homens têm um comportamento semelhante e, quanto à idade, aqui o fenómeno é ainda mais vincado: a partir dos 20 estas coisas passam.

8- E se um gato preto lhe aparece à frente lembra-se de quê?

22% dos inquiridos pensa em azar quando lhes acontece a situação e, pela 2ª vez, os homens mais que as mulheres. Aliás, a atitude dos 2 sexos é bastante diferente no que toca aos bichanos. Enquanto que as Neveiras os acham engraçados e várias mesmo referem gostar de gatos pretos (25%), os Neveiros manifestam

(continua na página seguinte)



NÃO... NÃO ANDAMOS A BRINCAR...!!



algum receio e sobretudo inimizade, atingindo esta vários graus: "mandar embora/ameaçar para o bicho fugir", "dar um pontapé ou uma pedrada" e até "pensar em matar" !! As respostas referindo estas atitudes pouco amistosas valem 45% do total. Vê-se bem que Neveiros e gatos pretos são 2 espécies pouco compatíveis. Curiosamente, e ao contrário de outras questões, aqui as respostas não variam em função da idade.

9- Para além do que já se disse atrás, tem algum outro hábito destinado a dar sorte ou, pelo menos, a afugentar o azar (benze-se, faz figas, diz 1 palavrão ou roga uma praga baixinho, tenta acertar com o cuspo num determinado sítio, atira uma pedra, gosta de urinar ao luar,...)?

Esta é muito, muito interessante.

44% das pessoas não têm nenhum hábito mas a maioria de nós (56%), temos as nossas "receitas secretas", tais como:

-benzer, rezar, fazer figas ou se lembrar "alminhas"

-dizer palavrões ou mandar "partir pernas"

-abrir e fechar o chapéu-de-chuva três vezes,

-tocar em determinados sítios ou dizer determinadas palavras, usar cábulas nos exames, jogar na lotaria, etc,etc

Espantoso mesmo é o número daqueles de entre nós que referem uma valente mijadela ao luar como algo de bom agoiro ou, pelo menos, muitíssimo agradável. O Coentral é tido como lugar privilegiado para esta prática e há mesmo quem lamente não poder fazer o mesmo em Lisboa. São cerca de 50% dos homens acima dos 25 anos que o afirmam.

Relativamente às Neveiras, não se encontraram evidências de que partilhem desta "afición".

10- Alguma vez teve a impressão que alguém ou algum local lhe traz enguiço?

A maioria das pessoas desvaloriza claramente (83%), só havendo 8% dos inquiridos que respondem afirmativamente (13% as mulheres e 5% os homens). A partir dos 27 anos toda a gente diz que nunca teve essa impressão.

11- Agora ao contrário, considera que existe algum lugar "mágico" para si?

É verdade. Mais de metade de nós (58%) tem de facto um ou mais lugares que, de alguma forma, consideramos mágicos. Aqui o sexo e a idade pouco fazem variar as respostas. Desde uma praia ou Veneza, até outros destinos mais exóticos como Bora Bora ou o refeitório da escola, passando pela própria casa e por estar com a família e os amigos, há de tudo um pouco. Sendo o Rancho do Coentral, também não é de estranhar que este seja referido por várias pessoas como um lugar mágico.

De assinalar ainda que o Estádio da Luz é um dos lugares mais apontados pela comunidade.

12- Sabe o que é um Calisto?

Esta visava testar a cultura "supersticiosa" do nosso universo de inquiridos e, mais que não seja, fez uns tantos sacudir a poeira aos dicionários. Mesmo assim, só 25% acertaram no significado (6% das mulheres e 40% dos homens). Embora erradas (ou nada tendo a ver com o contexto) apareceram algumas definições giras como: pessoa que trata ou tem calos; um copo grande, um copo de três,...

E pronto, ficamos por aqui esperando com isto ter contribuído para aprofundar o conhecimento íntimo da espécie Neveira.

Quem quiser mais.....vá à Bruxa!

Paulo MIRANDA & Hélder MACHADO

A sondagem, realizada pela Caratão – Estudos de Mercado, Lda., foi efectuada entre 18/2 e 2/3/2003 e teve por objecto estudar a atitude dos Neveiros perante a superstição. O universo de inquiridos foi portanto composto por membros do Rancho e alguns amigos muito chegados. Efectuaram-se 41 tentativas de entrevistas pessoais ou via e-Mail, sendo que, em 12% (5) dos casos, não foi possível obter respostas.

A amostra compõe-se de 36 pessoas: 20 homens, com idades entre os 10 e os 74 anos e 16 mulheres, com idades entre os 14 e os 66 anos.

Faixas etárias	Homens	Mulheres	Total	%
abaixo dos 18	4	3	7	19
dos 18 aos 25	2	4	6	17
dos 26 aos 35	1	3	4	11
dos 36 aos 45	3	1	4	11
dos 46 aos 59	3	2	5	14
acima dos 60	7	3	10	28
Total	20	16	36	100

Do erro máximo da amostra não fazemos ideia e o grau de probabilidade para nós é chinês.



À MESA COM... ORLANDO CLARO

Presidente da Junta de Freguesia da Pena

Na já remota década dos anos 50/60 alguns rapazes e raparigas da minha geração privaram, no Coentral, normalmente em tempo de férias, com o Sr. Alberto Claro, mais conhecido, à época, por "Riopinóquio".

Alguns, lembrar-se-ão desta figura que, aquando das suas deslocações à terra, habitava no espaço que é hoje o pátio da Junta/posto médico. Recordam-se?

Vem isto a propósito da próxima actuação dos nossos Neveiros na Freguesia da Pena, mais propriamente no Campo Mártires da Pátria (vulgo Campo Santana), a convite do seu actual Presidente de Junta, Sr. Orlando Claro, filho dessa figura que, por vários motivos, nos ficou na memória.

Fiquei com algum interesse em falar com este senhor, já que os nossos pais eram amigos e chegámos a ser visita de casa, ora de um, ora de outro.

Passados alguns anos, e mais ou menos depois da célebre excursão ao Coentral, em que, na camioneta, o Sr. Alberto Claro disparou um tiro (ainda hoje eu não sei bem porquê) que o atingiu, de raspão, numa perna. Sempre gostou de usar arma e até adoecer nunca deixou de o fazer. Resultante deste incidente, esta excursão foi muito falada, e interrogo-me se, por este motivo ou não, a figura em causa, deixou de aparecer tão assiduamente como era seu hábito.

Para, então, satisfazer a minha curiosidade marquei encontro com Orlando Claro. Passados tantos anos, naturalmente, que não nos conhecíamos e assim, tivemos de trocar alguns pontos de referência. Posso dizer que não foi difícil. Sentámo-nos à mesa e as histórias foram surgindo. Orlando Claro pareceu-me uma pessoa reservada, mas de trato afável.

A primeira coisa que eu queria saber, era como é que se lembrou dos Neveiros do Coentral, já que nunca mais teve ligação à terra?

- Não é bem assim. Quase todos os anos passo por lá, mas pouca gente conheço. Sou capaz de me lembrar dos seus nomes, mas já não os identifico. Ainda há poucos anos, fui à Castanheira, ver uma exposição da minha prima Fernanda Claro, onde também o vosso grupo actuou. Na Junta de Freguesia da Pena, cedi um espaço para um outro grupo de folclore lá ensaiar, e em troca, normalmente eles fazem parte dos festejos da Junta de Freguesia. Este ano a minha proposta era vir também, os Neveiros do Coentral.

Porque é que o seu pai era conhecido pelo "Riopinóquio"?

- É a primeira vez que estou a ouvir esse nome. Sinceramente não sei.

Pelas perguntas que fui fazendo às pessoas que nessa época estariam ainda a viver no Coentral, dizem que Alberto Claro (pai de Orlando) gostava do seu "copito" e quando ia à Venda da Ti Maria Simões, em vez de pedir um bagaço, dizia que queria um "riopinóquio". E assim ficou conhecido pelo "Riopinóquio".

Os avós do Orlando Claro vieram para Lisboa e estabeleceram-se com uma mercearia, em S. Cristóvão, freguesia onde nasceram os seus dois filhos, Américo e Alberto (pai de Orlando).

Passados alguns anos mudaram-se para Alfama, e aí viveram a sua adolescência.

Mais tarde, Alberto Claro, já casado, vivia no Campo de St^a. Clara (vulgo Feira da Ladra), casa onde conheci o Orlando, já mais ou menos com os seus 14 anos.

Alberto Claro, era uma pessoa de especial feitio, e até um pouco violento, talvez por

(continua na página seguinte)

isso, Orlando ao incompatibilizar-se com o pai, foi viver para Moçambique.



Alguns anos mais tarde, de regresso, novamente ficou magoado com o pai por ele ter vendido a casa, que é hoje, no Coentral, o Posto Médico, e não lha ter deixado. Assim, foram passando os anos e as ligações ao Coentral foram-se perdendo.

Penso, que hoje, há uma vontade interior do Orlando Claro em voltar às suas raízes.

Orlando Claro, vive presentemente nos Anjos, é casado, tem 2 filhos e 3 netos. Tem um escritório de contabilidade, onde trabalha a meio tempo, pois Freguesia da Pena.

No anterior mandato fez parte de últimas eleições, por questão de concorreu à Junta de Freguesia da estatisticamente vivem 15 famílias

A Freguesia da Pena foi criada entre 1755. É uma das freguesias mais colinas de Lisboa: a de Santana. poucos saberão localizá-la no mapa no Elevador do Lavra, nos hospitais Bombarda, a identificação é estende-se do Largo de S. Santo Antão ao Desterro.

Existem outras referências Camões nasceram na Freguesia da falecido”.

Os eleitores registados são cerca de recebeu gente de todos os cantos indianos, chineses, ucranianos,



Junta de Freguesia dos Anjos, mas nas distribuição de listas partidárias, Pena, onde me disse, que do Concelho de Castanheira de Pera.

1564 e 1596, resistiu ao terramoto de antigas da capital e ocupa uma das sete Quando se fala da Freguesia da Pena da cidade. Mas, se falarmos no Coliseu, de S. José, Desterro, Capuchos ou Miguel automática. A sua área geográfica Domingos à Estefânia e das Portas de

importantes na Pena: “Amália e Pena, tendo este último também aqui

5400. Nos últimos anos, a freguesia do mundo: brasileiros, africanos, romenos etc.

O local onde os Neveiros do Coentral, no próximo dia 13 de Abril vão actuar, é no Campo Mártires da Pátria (vulgo Campo de Santana porque, onde hoje está instalado o Instituto Bacteriológico Câmara Pestana, que foi o seu primeiro director, existia a ermida de Santa Ana, onde mais tarde a rainha D. Catarina, já viúva de D. João III, decidiu que se construísse um verdadeiro convento, que passou a chamar-se o Convento de Santana – 1561).

Campo Mártires da Pátria, refere um acontecimento do período da Revolução de 1817. O General Gomes Freire de Andrade e os seus companheiros foram suspeitos de conspiração contra o Marechal Beresford. Os Mártires da Pátria recordam os heróis que foram enforcados neste local e a sua memória ficou gravada na toponímica desde 1880.

Diariamente, uma multidão dirige-se para a Pena: os trabalhadores e utentes dos hospitais, os funcionários de tribunais, bibliotecas, escolas, faculdades, institutos, etc. Durante muitas noites ao longo do ano, milhares de pessoas rumam ao Coliseu, Politeama etc., para assistirem aos mais diversos espectáculos.

Aqui a cidade nunca dorme, como em, Nova Iorque.

Olga Bento Almeida

Aos Caloiros

No nosso “*O Neveiro*” número sete, quinta série, aproveitei o nosso jornal para deixar alguns conselhos aos Neveiros bailarinos. Penso que o resultado foi positivo, pois não é por acaso que somos bons.

Agora, com a entrada de novos bailarinos, achei por bem fazê-lo de novo. Um bom conselho é como o açúcar no café, assenta sempre bem.

Então cá vai:

- **Rapaz**, se é a faixa que te segura as calças, aperta-a bem, não vá ela cair-te no palco, e atrás dela

- **Rapariga**, se ao rodar baralhaste os braços e ficaste sem saber quais são os teus, não te atrapalhes, disfarça, sorri sempre, e se não conseguires resolver espera firme que ele retire os dele, e os restantes serão os teus

- **Rapaz**, não troques os atilhos das botas com os das ceroulas. Não esqueças o sebo nas botas, se não as estimares, sujeitas-te a dançar descalço na próxima época

- **Rapariga**, mesmo que ele seja trapalhão e desengonçado, não dês cabaço no Fado, eles são zaragateiros e de paus no ar fazem parar uma festa

- **Rapaz**, na dança do chapéu ela tirou-to e nunca mais o viste? Não chores que é feio, foi só a brincar, além disso chapéus há muitos, ó!

- **Rapariga**, se as ligas cederam e as meias vieram parar ao tornozelo, não fiques em pânico, a hora é de solidariedade. Puxa-as bem até à cintura e pede os suspensórios ao teu par. Ele por sua vez aproveitará para ser gentil contigo. Os resultados só se conhecem na próxima dança

E para todos eu diria, se conseguirem chegar ao último parágrafo desta treta, estais de parabéns, pois esta conversa fiada também foi um teste à vossa paciência.

Aprendeis assim, que ser Neveiro também tem destas coisas.

Nem tudo são rosas.

Gosto muito de todos vós

Isaura Baeta